



VISCERAL

TEXTO DE NANNA DE CASTRO

Sinopse:

“Visceral” conta a história de um artista plástico, João Gabriel, a grande promessa do momento nas artes plásticas brasileiras. Apesar de jovem, é um sujeito misantropo, avesso ao contato social, que vive só num velho casarão num bairro decadente com sua empregada. O jovem artista convida ao casarão para uma entrevista um famoso crítico de arte, Jordão, que escreve críticas desabonadoras e cruéis sobre sua obra. O crítico sofre de esclerose lateral amiotrófica e está definhando fisicamente. João Gabriel prende Jordão em sua casa e promove uma sessão de terror psicológico fazendo com que ele acredite estar nas mãos de um esquizofrênico que pretende matá-lo. A luta do crítico pela própria sobrevivência e o duelo intelectual entre ele e o artista se revela, no final da peça, como a grande obra de arte.

Os personagens:

João Gabriel: Tem vinte e poucos anos, artista plástico em ascensão, misantropo, vive isolado em um casarão na Cracolândia (região degradada do centro de São Paulo povoada por viciados em drogas) com sua empregada.

Jordão Matos: Tem uns sessenta anos. O crítico de arte mais renomado do país, polêmico e antissocial, sofre de uma doença muscular degenerativa.

Angélica: Tem vinte e poucos anos. Menina de classe média alta viciada em crack.

Alice: Tem entre sessenta e setenta anos. É meiga, doce e tem um jeito de boa avó do interior de Minas.

CENA 1

Alguns elementos de mobiliário de um casarão antigo. Tudo velho, deteriorado. Há uma cadeira do começo do século XX e uma mesinha de centro.

Som da campainha que toca. Alice entra com uma bandeja de coxinhas e coloca sobre a mesinha de centro. Sai pelo outro lado. Ouvimos som de porta se abrindo. Jordão entra falando sem olhar na cara dela. Tem o corpo curvado para frente, se apoia na bengala e desloca-se com dificuldade. Segura uma pasta de couro muito antiga.

JORDÃO:

- Boa noite. Um perigo esta escada velha da entrada. Aliás, esta casa toda parece estar desmanchando. Não sei como pode um artista plástico morar num casarão do início do século XX e não mandar restaurar. Juro que eu achava que todos estes casarões da Cracolândia estavam interditados. Não tinham tirado estes viciados aqui da região? Parecem baratas, jogam veneno, elas correm pra longe, o veneno começa a dissipar elas vão voltando... Inferno de cidade...

Alice tenta pegar sua bengala.

JORDÃO:

- Não, não precisa. Qual é a cadeira mais alta?

Alice mostra a cadeira.

JORDÃO:

- A senhora é a empregada, certo? A senhora pode chamar o dono da casa? A senhora diga que, diferentemente das pessoas aqui dessa cidade, eu sou terrivelmente pontual.

Jordão senta-se com dificuldade. Apoia a bengala na cadeira. Alice pega o prato de coxinhas sobre a mesinha de centro e leva até ele.

ALICE:

- (Com doçura) O senhor aceita uma coxinha?

JORDÃO:

- (Quase perplexo) Uma coxinha??

ALICE:

- É uma receita antiga, aprendi com a mãe do seu João. Eu aposto que o senhor nunca comeu uma coisa igual.

JORDÃO:

- Eu não como fritura.

Alice fica parada olhando para ele sorridente. Ele se irrita.

JORDÃO:

- Eu acho que a senhora não entendeu. Eu tenho pressa. (Imperativo) Vá chamar o dono da casa.

Alice, ainda doce e sorridente, deixa o prato de coxinhas sobre a mesinha e sai.

Jordão pega em sua pasta um pequeno gravador antigo, de fita, e grava sua fala.

JORDÃO:

- Vinte de dezembro. Entrevista com o artista plástico João Gabriel "não se sabe o sobrenome". O casarão na região central deteriorada da cidade conhecida como Cracolândia tem um aspecto decadente de casa de filme de terror da década de 30. Uma senhorinha com expressão interiorana me atendeu à porta. Tudo parece milimetricamente criado para reforçar a aura excêntrica do artista. (Aperta o "stop" e fala para si) Não há nada mais clichê, mais cansativo do que a aura excêntrica do artista.

Jordão volta e fita e testa a gravação. Dá "play" e escuta sua própria voz. João Gabriel entra sem que ele perceba e também escuta. Tem um olhar sempre oblíquo, como se o olhar do outro o incomodasse. Parece ansioso. Traz consigo um livro. Ao final da gravação, Jordão aperta o "stop". João avança e coloca o livro sobre a mesa.

JOÃO GABRIEL:

- Boa noite. O senhor me desculpe, eu estava finalizando com um modelo. A Alice já lhe ofereceu alguma coisa pra beber? O Artur disse que o senhor gosta muito de uísque.

JORDÃO:

- Não, não gosto não. Na verdade eu bebo pra tornar as pessoas mais interessantes... Que mais que o seu marchand disse sobre mim? Deve ter dito, por exemplo, que eu não faço mais entrevistas, há muitos anos que eu não vou à casa de jovens artistas em ascensão, nem de velhos artistas consagrados. Eu vou a exposições, unicamente, ver aquilo que interessa: a obra... Embora, raramente apareça algo que realmente interesse.

João vê o prato de coxinhas.

JOÃO GABRIEL:

- Ele me falou sim. Eu vejo que a Alice ofereceu uma das nossas coxinhas, receita da minha mãe, aposto que o senhor nunca...

JORDÃO:

- "... comeu uma coisa igual". Olha, eu não escrevo na sessão de gastronomia, então não adianta eu provar a coxinha da sua empregada. Eu fui praticamente obrigado pelo editor da revista a vir aqui, afinal de contas o seu marchand tem muita influência com os anunciantes, então, eu adoraria que fossemos direto à entrevista.

João senta-se em uma poltrona olhando perdido para o chão.

JOÃO GABRIEL:

- Claro... Vamos lá então.

Jordão liga o gravador.

JORDÃO:

- Bem, senhor João Gabriel, quer dizer então que além de pintar o senhor agora também escreve? (Desliga de novo o gravador) Eu não sei se o senhor sabe, mas eu não sou o crítico de literatura...

JOÃO GABRIEL:

- Eu sei.

JORDÃO:

- O crítico de literatura, aliás, é um sujeito bem mais disponível do que eu.

JOÃO GABRIEL:

- Eu queria o senhor.

JORDÃO:

- (Cínico) Ah, sei, quanta deferência... Vamos lá então...

Jordão liga o gravador e continua.

JOÃO GABRIEL:

- Qual seria o tema deste tão inusitado livro que o senhor está lançando?

JOÃO GABRIEL:

- É uma autobiografia.

Jordão explode numa risada.

JORDÃO:

- Desculpe o meu padrão excessivo de expectativa em relação ao mercado literário, que faz parte do meu anacronismo, afinal, tem tanto moleque que vence um reality show hoje em dia e lança uma autobiografia, mas, o senhor acha que na sua idade já teria conteúdo suficiente para um livro realmente interessante?

JOÃO GABRIEL:

- Muitos artistas tiveram vidas intensas na juventude. Caravaggio...

JORDÃO:

- (Interrompe) O senhor está se comparando a Caravaggio?

João levanta a cabeça e presta atenção em algo.

JORDÃO:

- Ah, já sei, é porque o senhor usa como modelos as prostitutas, os viciados das ruas...

Acho que a jornalista que faz nossa coluna social me disse isso. Muito original... Um artista recluso, misantropo, sinistro... que usa prostitutas e viciados como modelos...

JOÃO GABRIEL:

- Escuta! Ela começou a cantar de novo... Tá ouvindo?

Jordão acena negativamente. João balança a cabeça como se acompanhasse um ritmo.

JOÃO GABRIEL:

- Longe... Todo dia, ela canta. Parece uma ária conhecida, mas eu não consigo saber qual é. O senhor sabe... O senhor conhece tudo de música erudita.

JORDÃO:

- Podemos voltar à entrevista, eu tenho pouquíssimo tempo.

JOÃO GABRIEL:

- (T) Não, não... meu estilo é muito diferente de Caravaggio... Mais visceral. Mas certamente, na alma, somos muito parecidos. O senhor vai entender quando ler o livro.

Jordão desliga o gravador. Está realmente irritado.

JORDÃO:

- Olha meu querido, não seria mais eficiente você usar o seu poder de influência para trazer aqui o crítico literário da revista. Ele vai adorar ler o seu livro.

JOÃO GABRIEL:

- Não, eu queria você.

JORDÃO:

- Escuta aqui: você sabe o que eu penso do seu trabalho, do seu marchand e, acredite, isso não vai mudar com uma sessão de bajulação.

João fuça os bolsos e tira um pequeno caderno com anotações. Lê duro, sem emoção.

JOÃO GABRIEL:

- Eu anotei tudo aqui... "Mais um pseudotalento num mercado formado e manipulado por máfias de galeristas e marchands sem um mínimo de sensibilidade estética. Fruto da mídia dominada pela publicidade e alimentada por personagens enigmáticos e excêntricos e da falta de acuidade artística de um bando de novos ricos que compram obras de arte aconselhados por decoradores para enfeitar suas casas de férias em Miami.". O senhor escreve muito bem...

Jordão fica olhando João em silêncio, sem entender. Desiste. Liga novamente o gravador.

JORDÃO:

- Bem, vamos falar sobre o livro então... E o que motivou o senhor a escrever esta autobiografia?

João balança a cabeça no ritmo da música. Anda até uma janela ao fundo.

JOÃO GABRIEL:

- (Triste) Faz uma semana que ela canta, sempre nesta hora.

JORDÃO:

- O senhor poderia falar mais perto do gravador?

JOÃO GABRIEL:

- O senhor não poderia se levantar e vir até aqui? Tem uma vista linda desta janela.

JORDÃO:

- Eu prefiro ficar sentado.

JOÃO GABRIEL:

- Dói quando o senhor anda, não é? Li que o senhor está muito doente, que está definhando, que tem dores horríveis. (Abre o caderninho) Anotei aqui: “esclerose lateral amiotrófica, doença muscular degenerativa incurável e progressiva.”.

Jordão fica incomodado.

JORDÃO:

- Isso é algum tipo de ironia? O senhor me chamou aqui pra me agredir?

JOÃO GABRIEL:

- De jeito nenhum, eu gosto do senhor. Eu gosto do que o senhor diz sobre a cultura do nosso tempo. Eu leio tudo. Eu anoto. (Lê outra página de seu caderno). “Desde Marcel Duchamp, um gênio que revolucionou os padrões artísticos do ocidente ao dizer que um mictório era uma obra de arte, tudo passou a ser possível até chegarmos aos tristes dias de hoje em que se espera do artista não o talento, mas a pose e o escândalo, que não passam de um novo conformismo”. Eu acho perfeito, lindo! Eu vou ficar mais perto do senhor.

João chega-se muito perto de Jordão que fica desconfortável.

JOÃO GABRIEL:

- Tá bem assim?

Jordão faz um gesto com a mão para que ele se afaste.

JORDÃO:

- Perto demais... Distorce o som do gravador.

João se afasta, vai até as coxinhas. Pega uma no prato e observa atentamente.

JOÃO GABRIEL:

- Uma obra de arte... Toda criação é um processo ininterrupto de digestão e fertilidade; tudo se reduz a organismos devorando uns aos outros, reproduzindo-se, morrendo, fertilizando a terra e renascendo transformados... Isabel Allende.

JORDÃO:

- Olha, não vamos começar a sessão de citações... Rapaz, vamos acabar logo com isso? Você quer uma matéria bacana sobre seu livro, certo? Eu leio, se for bom, eu elogio. Eu não tenho nada, absolutamente nada contra a sua pessoa especificamente. Você só não é um bom pintor. De repente, você escreve bem, quem sabe? Agora, você tem muito mais chances com o sujeito que faz as críticas literárias na revista que é um deslumbrado profissional... E é um jovem, como você, com esse excesso de autoconfiança, esse ar de excentricidade bocó... Eu acho que ele vai amar o seu livro só de olhar pra você. Vai ser uma pororoca narcísica o encontro de vocês. (Para si) Num tempo em que a palavra escrita vale tão pouco, que importa. (T) Quer saber, eu vou embora. Eu nem devia ter vindo aqui.

Jordão guarda o gravador e se esforça com dificuldade para se levantar da cadeira que é muito baixa. Ele não tem forças nas pernas.

JOÃO GABRIEL:

- Eu sei que o senhor fez um esforço descomunal vindo aqui. O Artur disse o senhor viria porque precisa muito mesmo do emprego na revista. Parece que a revista está passando por uma... Como é que chamam quando mandam os velhos embora?...

Jordão consegue se levantar e guarda o gravador.

JOÃO GABRIEL:

- Reengenharia! Imagina pagar os medicamentos caríssimos que o senhor precisa tomar todo dia, sem esse emprego na revista.

Jordão pega a bengala e vai saindo.

JOÃO GABRIEL:

- Calma. Eu só quero que o senhor leia uma página do livro. Uma só. Aqui, agora. Não precisa nem escrever a respeito... Eu admiro seu trabalho.

Jordão anda com dificuldade para a porta.

JOÃO GABRIEL:

- Sempre li sua coluna, mesmo quando morava no interior. Cada jornal por onde o senhor passou, eu comprei e li. Não tem ninguém neste país, ninguém mesmo, com a sua cultura artística. Desde os quatorze anos eu recorto e guardo suas matérias. Até o livro que o senhor publicou eu li.

Jordão finalmente para. João Gabriel pega o livro sobre a mesa e estende para ele.

JOÃO GABRIEL:

- Uma página só. E eu digo pro Artur que prefiro falar com o crítico de literatura. O senhor fica livre.

Jordão pega o livro e volta irritado para a cadeira. Desiste de sentar. Apenas coloca suas coisas sobre ela.

JORDÃO:

- Qualquer página?

JOÃO GABRIEL:

- Noventa e quatro.

Ouvimos sons estranhos vindos de fora da casa. Parecem bichos se debatendo. Um gato mia desesperado. João olha pela janela, tenso. Jordão acha estranho. Barulhos continuam. Alice entra correndo.

ALICE:

- Ai seu João, caiu outro gato lá na jaula... quero dizer, no canil, no canil... e o Eros e a Psique, o senhor sabe eles ainda não comeram...

JOÃO GABRIEL:

- Tá bom, Alice...

ALICE:

- O gato coitado, subiu num pau que tem lá... Mas o Eros tá tentando derrubar o bichinho...

JOÃO GABRIEL:

- Tá bom, Alice, eu já vou!

ALICE:

- Eu já bati na cabeça dele com o porrete...

JOÃO GABRIEL:

- (Agressivo) Tá, Alice! (T) Fica tranquila. Pode ir que eu já vou lá cuidar disso.

Alice consente e sai.

JOÃO GABRIEL:

- (Para Jordão) Eu vou lá e já volto. Não saia sem me dizer o que achou. Página noventa e quatro.

João sai. Foco de luz a pino sobre Jordão que lê. O gato segue miando desesperado ao fundo. Ouvimos a voz de Jordão em off. O foco vai caindo em resistência até desaparecer.

JORDÃO (OFF):

- “Carta deixada por meu pai... Quando lerem esta carta, João Gabriel e eu estaremos mortos. Peço desculpas a todos pelo que vou fazer, mas preciso que saibam que não havia outra maneira. João não é o que parece. Ele se nega a tomar os remédios e é perigoso. Já fomos longe demais com isto. Tenho medo dele. Tenho medo do meu próprio filho. Estou ficando velho. Espero que todos entendam meu gesto: João é minha responsabilidade e não posso deixar que ele continue. Me perdoe meu Deus...”

Luz se apaga. Ator deixa a cena.

CENA 2

Ator que faz João Gabriel entra no proscênio. Lê um papel.

ATOR:

- *"A chuva não parava. Os clarões e relâmpagos iluminavam tudo. As árvores pareciam que estavam dançando no quintal. O vento forte murmurava. Era como muitas viúvas chorando e lamentando em voz baixa a falta de seus companheiros. Uma noite assombrada. E ela estava lá..."*

Angélica entra no outro extremo do palco. Usa uma camiseta e uma calça jeans básica, uma bolsinha de tecido. Observa o espaço a procura de algo.

ATOR:

- "A adolescente do mal estava em um dos quartos da nossa casa. Um quarto sombrio, úmido e maldito. Um quarto que combinava com ela. Ao abrir a porta, ela range, mas antes que a adolescente do mal tivesse tempo de reagir, eu a imobilizo. Jéssica também entra no quarto para me ajudar, enquanto Bel corre para a cozinha voltando depois com uma faca. Os gritos da adolescente do mal são ocultados pelos trovões. Pego a faca e lhe dou um golpe forte e preciso atingindo a jugular. O sangue espirra. Nesta mesma hora sinto um líquido quente escorrendo por entre suas pernas, molhando meus pés. Percebo então que ela urinou. Ela pouco a pouco vai esmaecendo em meus braços. Nesta hora eu deixo seu corpo frágil e esbelto cair fazendo um som grave quando atinge o solo.". Trecho do livro não publicado de Jorge Beltrão, esquizofrênico preso em Pernambuco em abril de 2012 após vários assassinatos e conhecido como "O Canibal de Garanhuns".

Sai de cena.

CENA 3

Angélica observa se não há ninguém por perto e pega sobre a mesa uma estatueta de prata. Enfia na bolsa. Ouvimos sons que parecem tiros. Ela se assusta. Alice entra com uma bandeja e um copo de água.

ALICE:

- Pronto, tá aqui a sua água.

Angélica pega o copo e bebe.

ANGÉLICA:

- A senhora ouviu os tiros?

ALICE:

- Tiros?

ANGÉLICA:

- Será a polícia?

ALICE:

- Eu não ouvi nada, meu amor.

Novamente sons de tiros.

ANGÉLICA:

- A senhora ouviu?

ALICE:

- Isso, querida? É o Joãozinho fazendo as telas. Ele mesmo faz suas telas. Ele usa aquele grampeador, sabe? Que parece um revólver? Pra prender o tecido no chassi...

Novo som de tiro. Angélica fica tensa.

ALICE:

- Tá assustada, né? Não precisa ficar, meu bem, é só o grampeador.

Alice anda em torno de Angélica avaliando seu corpo.

ALICE:

- Mas você não parece ser aqui da região. Você não mora aqui.

ANGÉLICA:

- Não, mas eu venho sempre. Ai os pedreiras me disseram que o seu patrão paga... pra todo mundo da rua posar pra ele.

ALICE:

- Não é todo mundo. Em geral ele prefere homens e mais... menos... não tão assim... não tão bem como você.

Alice tira o copo da mão dela.

ALICE:

- Eu acho melhor você ir embora, meu anjo.

Angélica fica tensa.

ANGÉLICA:

- É que eu preciso muito do dinheiro.

ALICE:

- Só que o patrão não está agora meu amor. Porque você não tenta conseguir o dinheiro em outro lugar?...

Alice vai levando Angélica para a saída. João Gabriel entra de supetão. Ele usa uma camisa branca que tem uma das mangas suja de vermelho. Angélica se assusta.

JOÃO GABRIEL:

- (Para Angélica) Você veio falar comigo? (Para Alice) Pode sair Alice.

Alice vai saindo contrariada, olha para a mesinha, para o lugar onde estava o objeto que Angélica pegou.

ALICE:

- Que engraçado eu jurava...

Angélica fica tensa. Alice olha pra ela e sorri maternal.

ALICE:

- Eu jurava que tinha limpado esta mesinha. Que horror, cheia de pó.

Alice sai.

ANGÉLICA:

- (Confusa) Eu preciso de dinheiro... Os caras... Os nóias... Eles falaram que você paga pra pintar as pessoas...

JOÃO GABRIEL:

- Pago. Mas você não serve.

Ele se vira, vai saindo. Angélica se desespera, segura ele pela manga da camisa com força.

ANGÉLICA:

- Por favor! Vinte reais... Dez reais... Eu preciso muito.

A mão dela fica suja de vermelho. Ela solta a manga dele e fica olhando assustada para a própria mão.

ANGÉLICA:

- Isso é sangue. É sangue!

Ele segura o pulso dela com força.

JOÃO GABRIEL:

- Isso é tinta vermelha. Uma mistura de pigmentos, clara de ovo... Tinta.

ANGÉLICA:

- Desculpa... é... que eu tô confusa. Eu preciso muito de dez reais.

João tira uma nota de dez do bolso.

JOÃO GABRIEL:

- Abre a sua bolsa que eu coloco aí.

Angélica fica tensa. Não pode abrir a bolsa. Ela estica a mão.

ANGÉLICA:

- Me dá!

JOÃO GABRIEL:

- Então devolve o que você pegou. Eu sei tudo que acontece nessa casa. Tudo.

Angélica pega a estátua na bolsa e devolve para ele.

JOÃO GABRIEL:

- Olá, Quetzalcóatl!

Pega a estátua e coloca novamente em seu lugar sobre a mesinha.

JOÃO GABRIEL:

- É um deus Asteca. Patrono das artes e da sabedoria. Criador e pai dos homens.

ANGÉLICA:

- Desculpa... Desculpa! Eu preciso do dinheiro... Eu posso fazer qualquer coisa que você quiser...

JOÃO GABRIEL:

- Qualquer coisa que eu quiser?

Angélica concorda.

JOÃO GABRIEL:

- Então, vira de costas.

Angélica vira de costas para ele.

JOÃO GABRIEL:

- Agora abaixa as calças.

Angélica abre o zíper e abaixa as calças, sem hesitação.

ANGÉLICA:

- Quer que abaixe mais?

Ele se aproxima dela lentamente olhando com frieza para sua bunda.

JOÃO GABRIEL:

- Não... Tá bom... É... Pensando bem, talvez você sirva. Semana que vem você volta, mesmo dia, mesmo horário, pra posar pra mim. Agora pode ir.

Ela sobe as calças, arranca a notada mão dele e sai correndo. João sai de cena.

Black out.

CENA 4

No escuro, ouvimos mais sons estranhos vindos de fora da casa. Parecem sons de luta. Foco se acende sobre Jordão sentado na cadeira.

VOZ DE JOÃO GABRIEL:

- (OFEGANTE) Para Eros! Pááára! Pra trás, anda!!

Silêncio. Luz vai subindo na cena. Alice atravessa o fundo do palco com um rabo de gato na mão.

ALICE:

- Coitadinho do bichinho... Tão pequenininho, tão bonitinho, tão fraquinho. Não sobrou nada, tadinho. Não pode deixar o Eros tanto tempo sem comer, não pode!

Alice entra por uma coxia e desaparece na outra.

CENA 5

Jordão está lendo o livro um pouco tenso. De repente começa a rir como se tivesse compreendido algo.

JORDÃO:

- O moleque quer me assustar? Era só o que faltava! O que essa gente não faz pra aparecer.

Lê a contracapa.

JORDÃO:

- “Esta é a história de um gênio ou um doente mental...”. Só pode ser outra jogada de marketing idiota daquele marchand. Tudo agora virou marketing. Um saco.

Jordão folheia o livro. Fica em dúvida.

JORDÃO:

- Não. Não é possível... (T) Chega. Melhor eu ir embora.

Jordão pega suas coisas na cadeira com dificuldade e anda em direção à porta. João Gabriel entra na sala, meio descabelado e ofegante, com a roupa molhada. Jordão se assusta.

JOÃO GABRIEL:

- Desculpe a demora. O senhor já vai?

JORDÃO:

- Já.

JOÃO GABRIEL:

- O senhor leu?

JORDÃO:

- Rapidamente.

JOÃO GABRIEL:

- E então?

JORDÃO:

- E então que eu preciso ir. Eu não tenho tempo pras suas loucuras, garoto. Eu realmente preciso ir agora.

JOÃO GABRIEL:

- Tá...

Jordão sai de cena. João Gabriel espera na sala olhando para o chão. Ouvimos o barulho de Jordão tentando abrir a porta que está trancada. João continua olhando para o chão.

VOZ DE JORDÃO:

- Alguém poderia abrir esta porta pra mim!? Eeei! Eu preciso sair. Alguém poderia abrir a porta?!

Black out.

CENA 6

Porão da casa. Várias telas em branco. Angélica entra nua, enrolada num lençol e acompanhada por Alice. Está mais apática e acabada pelo crack. Carrega uma sacola de plástico com suas coisas.

ALICE:

- Pode vir...

ANGÉLICA:

- Escuro esse porão.

ALICE:

- O Joãozinho gosta de trabalhar no escuro...

ANGÉLICA:

- Cheiro estranho. Que que são aquelas coisas esticadas ali no chão?

ALICE:

- São... São tecidos, invenção do João. Ele usa pra criar texturas nas telas.

Alice para e olha para um dos quadros.

ALICE:

- Ele acabou de pintar este. Forte não?

Angélica tira os olhos do chão e olha para frente. Fica surpresa.

ANGÉLICA:

- Eu conheço esse cara do quadro. Ele me vendeu umas pedras, uma vez...

ALICE:

- Vinha aqui sempre. Um sujeito feio, fedido. Fungava o tempo todo. O Joãozinho transformou nesse quadro lindo. Uma coisa de Deus o que esse menino faz.

ANGÉLICA:

- Era formiguinha. Sumiu. Os canas devem ter dado fim nele...

ALICE:

- Formiguinha?

ANGÉLICA:

- Nada não, tia.

ALICE:

- Se deram fim nele eu não sei, mas agora ele tá aí: virou obra de arte, não morre nunca mais. Daqui a pouco vai morar na parede de gente bacana e não é aqui não: é lá fora no exterior.

Angélica olha o quadro, impressionada.

ANGÉLICA:

- Jura?

ALICE:

- Como é o seu nominho mesmo?

ANGÉLICA:

- Angélica.

ALICE:

- O meu é Alice. Ali dentro, ó, é o atelier. É só entrar lá e esperar.

ANGÉLICA:

- Tá.

Alice sai para um lado, Angélica sai para o outro.

Black out.

CENA 7

Numa parede vemos projetada a imagem de Angélica (como se viesse de uma câmara escondida no atelier). Ela entra enrolada no lençol e segurando sua sacola. Fica parada, esperando, sem perceber que está sendo filmada. João Gabriel entra em cena e fica observando Angélica na projeção. Ela vai ficando ansiosa, mexe em sua sacola, pega uma caixa de fósforos com um cigarro de maconha. Acende o cigarro e fuma. O lençol cede um pouco deixando um de seus seios à mostra. João segue olhando agitado, ofegante. Alice entra e também observa.

ALICE:

- É uma mulher.

JOÃO GABRIEL:

- Eu sei.

ALICE:

- Muito bonita. Não combina com o que você faz.

JOÃO GABRIEL:

- Olha a dor... Olha a dor nos olhos dela, Alice. Que cor você acha que tem nessa dor?

ALICE:

- Eu acho, João, que não combina. Eu mandava ela embora.

JOÃO GABRIEL:

- Púrpura: a dor dela.

ALICE:

- Lembra o que sua mãe falou das mulheres.

JOÃO GABRIEL:

- Minha mãe tá morta. Eu quero pintar uma mulher, Alice. Uma só. O Artur deixou.

ALICE:

- Confusão, Joãozinho, é o que eu tô vendo nos olhos dela.

Alice sai. João sai. A imagem projetada desaparece.

CENA 8

Ator que faz Jordão vem à frente do palco com uma revista na mão. Angélica também entra, em outro ponto do palco, e fuma seu cigarro de maconha. Ator lê.

ATOR:

- "Dizem que ofendo as pessoas. É um erro. Trato as pessoas como adultas. Critico-as. É tão incomum isso na nossa imprensa que as pessoas acham que é ofensa. Crítica não é raiva. É crítica. Às vezes é estúpida. O leitor que julgue. Acho que quem ofende os outros é o jornalismo em cima do muro, que não quer contestar coisa alguma. Meu tom às vezes é sarcástico. Pode ser desagradável. Mas é, insisto, uma forma de respeito, ou, até, se quiserem, a irritação do amante rejeitado." Trecho de depoimento do jornalista e crítico Paulo Francis falecido em quatro de fevereiro de 1997.

Sai de cena.

CENA 9

Porção da casa. João entra em cena com um grande cavalete. Pega uma tela nas coxias e coloca sobre ele. A tela fica de costas para a plateia. Traz várias tintas em tons de vermelho que coloca ao seu lado. Angélica estica o baseado pra ele.

ANGÉLICA:

- Quer um tapa?

João acena negativamente.

ANGÉLICA:

- Fico pelada?

João balança os ombros, indiferente. Angélica deixa o lençol cair com displicência.

ANGÉLICA:

- Olha, eu não sei fazer esse negócio não. Eu fico parada? Posso mexer? Posso acabar minha ponta?

João não responde, começa a pintar freneticamente algo. Angélica dá as últimas tragadas. João começa usando pincel mas, em determinado momento, passa a usar as próprias mãos para pintar. Angélica começa a se balançar em transe levada pela viagem do fumo, os movimentos vão crescendo numa espécie de dança. João fica cada vez mais ofegante e excitado. As mãos de João vão ficando vermelhas. Angélica vai perdendo o ritmo e ficando mais frenética e desgovernada até cair no chão, desmaiada. João vem até ela. Tenta tocá-la, mas não consegue. Fica irritado. Sai. Alice entra e vê Angélica no chão inerte. Vai até ela.

ALICE:

- Vem meu amor, vou ver se o Joãozinho deixa eu arrumar você pro jantar.

Angélica continua inerte.

ALICE:

- A gente precisa comer bem. A gente é o que a gente come, sabia? A mãe do Joãozinho me ensinou.

Pega Angélica pelos braços e arrasta para fora de cena.

CENA 10

Ainda no porão. João entra pelo outro lado arrastando Jordão que também está inconsciente. Deixa Jordão caído no meio do palco e sai. Volta com uma cadeira e coloca ao lado dele. Sai novamente. Jordão acorda confuso e atordoado. Olha ao redor sem entender onde está. Apoia-se na cadeira e, com dificuldade, levanta do chão e senta-se nela.

JORDÃO:

- (Assustado) Que isso?... (Alto) Oi! Tem alguém aí? (Silêncio) Por favor, tem alguém aí? (Silêncio. Fala alto.) Olha, rapaz, eu não sei onde você pretende chegar com isso, mas é uma brincadeira de muito mau gosto viu? (Silêncio) Eu quero ir embora agora, imediatamente.

João entra atrás dele. Fica olhando Jordão por trás, em silêncio. Jordão não vê.

JORDÃO:

- (Alto) A polícia vai vir atrás de mim... E aí, essa brincadeira sua e do seu marchand vai sair muito cara.

JOÃO GABRIEL:

- Quando a minha mãe morreu eu achei que ia ser o fim de tudo.

Jordão toma um susto, sai da cadeira e vai para o chão. João Gabriel se aproxima dele. Está calmo, quase alheio. Jordão se afasta, não consegue ficar de pé, se arrasta no sentido contrário.

JOÃO GABRIEL:

- Alguém ia me internar de novo... iam me amarrar... Injetar os remédios... E eu não ia pintar mais. Fim! Mas a minha mãe cuidou de tudo, até depois da sua morte. Ela nunca deixou ninguém me impedir de realizar o meu dom. Quando ela morreu eu vi o Artur pela primeira vez. Ele já era meu marchand. E me trouxe com ele. Pra continuar com a minha missão.

JORDÃO:

- (Tenso) Olha, querido... Tudo bem... Talvez eu tenha sido muito agressivo com você. Eu tenho andado muito agressivo. Eu sei. Vamos fazer o seguinte: você me dá o livro... eu leio... leio hoje mesmo... E faço uma crítica... (Reluta) uma crítica... imparcial...

JOÃO GABRIEL:

- Eu não quero sua crítica. Você não entende: eu não sou um artista como outro qualquer. Eu não sou um oportunista embusteiro como aqueles outros. Eu sou diferente. Eu quero que você enxergue os meus quadros.

João pega o quadro no cavalete.

JOÃO GABRIEL:

- Olha de verdade... Além das tintas... Não tem algo mais?

JORDÃO:

- (Falso. Se esforça.) Bom... Tem... Tem uma... Um...

JOÃO GABRIEL:

- (Nervoso) Você não vê. Você precisa ver. Vem, olha mais de perto.

João coloca o quadro no chão. Jordão se aproxima ainda sentado no chão.

JOÃO GABRIEL:

- Olha bem... a textura...

JORDÃO:

- Estes tecidos que você usa... realmente... criam uma textura interessante... Como se fosse... como se fosse...

JOÃO GABRIEL:

- Pele humana?

Jordão olha o quadro, reflete alguns segundos, compreende, olha para João chocado.

Black out.

CENA 11

Angélica está sentada no chão, enrolada no lençol, preparando um cachimbo de crack. João está pintando o quadro. Não está satisfeito com o resultado.

ANGÉLICA:

- É legal a sua casa. Eu também morava numa casa grande. Mas não tinha alma, que nem a sua. Era uma casa cheia de coisas caras. Eu não posso entrar mais lá. Você tem cachorro?

JOÃO GABRIEL:

- Mais ou menos.

ANGÉLICA:

- Na minha casa tinham dois Weimaraners cinza. Até a marca do cachorro, o decorador que escolheu. Quero dizer, a raça. Combinavam com o jardim. São caros esses seus quadros?

JOÃO GABRIEL:

- São.

Acende o cachimbo e fuma.

ANGÉLICA:

- Quer dizer que eu vou virar uma obra de arte?

João para de pintar e olha irritado para o quadro. Não consegue o resultado que quer. Angélica fica entorpecida, largada no chão, olhando para o vazio. João começa a olhar para ela, vai se aproximando como se quisesse tocá-la, mas sem coragem. De repente, Angélica começa a mexer a boca, mas a voz que sai da sua boca é masculina e distorcida.

ANGÉLICA:

- Libera me, Domine, de morte æterna, in die illa tremenda:

Quando cœli movendi sunt et terra.

Dum veneris iudicare sæculum per ignem.

Tremens factus sum ego, et timeo, dum discussio venerit, atque ventura ira.

Quando cœli movendi sunt et terra.

Dies illa, dies iræ, calamitatis et miseriæ, dies magna et amara valde.

Dum veneris iudicare sæculum per ignem.

Requiem æternam dona eis, Domine: et lux perpetua luceat eis.

Outras vozes vão se somando àquela num coro. João tapa os ouvidos e vai se agachando no chão ao lado dela como se fosse massacrado pela alucinação auditiva.

As vozes desaparecem. Sobe a música “Dies Irae” da Missa Réquiem de Verdi.

Na parede surge a imagem de Jordão, visto da câmara escondida no porão. Está sentado no chão e agarrado à cadeira. Apavorado.

Atores saem de cena.

CENA 12

Luz se acende sobre Jordão: no chão, agarrado à cadeira, bastante confuso. Alice entra com o prato de coxinhas.

JORDÃO:

- Esse lugar cheira mal... cheira mal... (Para Alice) A senhora! A senhora, por favor, me ajude...

ALICE:

- Eu trouxe as coxinhas de novo: de repente agora o senhor quer.

JORDÃO:

- Por favor, a senhora parece uma pessoa de bem...

Alice coloca o prato no chão.

ALICE:

- É melhor comer. Estômago vazio deixa a pessoa nervosa, descontrolada até. O senhor precisa ver o Eros e a Psique com fome...

JORDÃO:

- Eu tomo um remédio controlado. É muito importante eu tomar o remédio, a senhora entende? Porque eu sinto dores. Dores horríveis. Eu preciso ir embora, agora, já. A senhora me ajuda a sair daqui? Eu pago. Eu pago o que a senhora pedir.

ALICE:

- O Joãozinho falou que o senhor é doente.

JORDÃO:

- Então, é por isso que eu preciso sair e tomar o meu remédio.

ALICE:

- Quando a gente é doente, precisa comer direitinho.

Ela estica o prato para ele.

ALICE:

- Se eu fosse o senhor eu comia pelo menos uma coxi...

Jordão acerta o prato com a mão e as coxinhas voam.

JORDÃO:

- (Berra descontrolado com ela) Eu não quero coxinha! Não que-ro! Já falei que não como fritura! A senhora é surda??! (Para o alto) Socorro! Socorro!!!

Jordão grita várias vezes até esgotar. Alice apenas olha sem alterar um músculo. Vai catando as coxinhas espalhadas.

ALICE:

- O Eros fica desse jeitinho quando tá com fome: descontrolado. Mas não precisa se preocupar não. Logo tudo acaba. O Joãozinho é um menino iluminado. Ele escolheu o senhor pra ascensão. Logo o senhor vai estar no outro plano. Doença é sofrimento da carne, só.

Ela coloca o prato de coxinhas no chão. Olha para elas.

ALICE:

- E a carne... A carne é só um ingrediente. A carne de todo mundo é igualzinha. O Eros e a Psique comem dez quilos de carne por semana, sabia? Cada um! Tem ideia de quanto é dez quilos de carne? Uma perna do senhor, mais ou menos. Eles comem de manhã e a tarde tudo já virou cocô. Fedido. (T) Eu vou deixar aqui pro senhor. Se der fome...

Alice sai. Jordão chora exausto. Vai até o prato, pega as coxinhas e joga com raiva na direção que Alice saiu.

CENA 13

Atriz que faz Angélica entra em cena com um jornal e lê para a plateia.

ATRIZ:

- “Perdi 12 quilos e fui demitido de um restaurante bacana onde trabalhava como chef. Sou formado em gastronomia. Chegou um dia em que não queria mais usar o crack. Mas não conseguia parar. Ia para a boca comprar chorando. Um amigo meu se enforcou, outro pulou do prédio. Eu também queria morrer. Fazia roleta-russa com um revólver calibre 22 e cheguei a tomar uma caixa de ansiolítico. Fiquei três dias na UTI. Já tive duas recaídas, mas quero esquecer tudo isso. Estou limpo há seis meses.” P.F., 31 anos, chef de restaurante.

Sai de cena.

CENA 14

Jordão continua no chão. João Gabriel entra com uma faca de caça na mão. Jordão se assusta e tenta se afastar dele. João pega o prato de coxinhas vazio no chão.

JOÃO GABRIEL:

- Alice! Tem esta coisa de mineiro. Só sossega quando a gente come. (T) Ela cuida de mim desde que eu nasci. Minha mãe ensinou tudo a ela. Meu pai não... Meu pai sumiu da noite pro dia. Minha mãe disse que ele foi embora. Quando ela morreu, eu achei aquela carta. Ele não gostava de mim. Nunca entendeu o meu dom.

JORDÃO:

- Você é louco.

JOÃO GABRIEL:

- Não... Você também não entende. Eu vim salvar você da dor.

JORDÃO:

- Você é louco... Alguém precisa me ajudar, meu Deus!

Jordão fica de quatro, exausto, olhando para o chão.

JOÃO GABRIEL:

- EU vou te ajudar. Não vou deixar você morrer sufocado quando a musculatura do seu pulmão não funcionar mais. (Pega seu caderninho no bolso) Eu pesquisei a sua doença. Tá aqui ó. (Lê) “A doença piora lentamente. Quando os músculos do peito param de trabalhar, fica muito difícil ou impossível respirar por conta própria.” Achei tão horrível este jeito de morrer. (Guarda o caderno. Olha ao redor excitado) Mas isso não precisa acontecer... Olha... Olha esses quadros... Eu transformei a dor de todos eles! É o meu dom! Você entende agora porque eu sou diferente? Chegou o momento de todo mundo saber deste meu dom. Eu recebi instruções de revelar o meu dom. Por isso eu escrevi o livro. Entendeu agora? Imagina quando as pessoas lerem, quando elas entenderem, de verdade, os meus quadros...

Jordão continua olhando para o chão.

JORDÃO:

- Eu preciso do meu remédio...

JOÃO GABRIEL:

- Vê o meu talento agora? Olha bem os quadros, você vê?

Jordão continua olhando para o chão. João se irrita. Pega Jordão pelos cabelos e levanta seu rosto.

JOÃO GABRIEL:

- Diz! Você vê agora!?

Jordão balança a cabeça negativamente.

JOÃO GABRIEL:

- Você é o melhor de todos... O maior... Eu queria tanto que você visse.

JORDÃO:

- Rapaz, você precisa de ajuda.

JOÃO GABRIEL:

- Eu? Você é quem precisa de ajuda. E eu vou te ajudar. Eu posso te ajudar. Mas antes, eu queria tanto que você entendesse... Porque meu pai não entendeu. Mas ele era um homem xucro... Ele não merecia ser meu pai... (T) Já sei... Tem o último quadro que eu fiz. Esse é diferente. É uma mulher. Tá secando. Eu vou buscar.

João, ansioso, coloca a faca no chão e sai. Jordão se arrasta e pega a faca. Volta para perto da cadeira. Luz se apaga.

CENA 15

Alice atravessa o proscênio arrastando um pedaço enorme de carne que deixa um rastro no chão. Ela segura um porrete na outra mão.

ALICE:

- (Como se falasse com um cachorro) A mamãe tá chegando com o papá do Eroos...

Cadê a minha Psiquinha linda? Já sentiu o cheirinho da carne, né danadinha da mamãe?

Ela sai de cena. Continuamos ouvindo sua voz.

ALICE (OFF):

- Cadê meu monstrinho verde? Não!... Larga a grade! Eros, não morde a grade! Olha o porrete! **(Bate o porrete na grade)** Calma, mamãe já vai dar sua carninha... Pra trás, pra trás! E-DU-CA-ÇÃO!

Ouvimos sons de bichos se debatendo na água.

CENA 16

Alice volta trazendo Angélica pela mão. Ela está destruída pela droga, vestida como uma mendiga, tosse o tempo todo.

ANGÉLICA:

- As baratas moram dentro das paredes... De noite as paredes se mexem... Eu não posso dormir senão elas tentam me comer, as baratas... Você sabia que elas comem as pessoas mortas? Eu ouço as baratas andando nas paredes.

ALICE:

- Ai minha filha. Isso é o tóxico, essas coisas que vocês bebem... Maconha. Mas vai acabar logo, tenha fé em Deus.

Angélica se agarra à roupa de Alice. Está fissurada.

ANGÉLICA:

- Eu preciso de dinheiro. Eu preciso de uma pedra.

Alice tenta se desvencilhar dela.

ALICE:

- Eu vou chamar o Joãozinho.

Angélica se agarra a ela com mais força.

ANGÉLICA:

- Não, eu não quero ficar sozinha, eu tenho medo. Escuta... Escuta as baratas andando nas paredes... Ó... Tem uma no seu braço!

Angélica se assusta e solta Alice.

ANGÉLICA:

- Elas querem me comer...

ALICE:

- Calma, meu anjo.

João Gabriel entra na sala. Angélica corre e se agarra a ele com força. Alice se incomoda.

ANGÉLICA

- É melhor resolver o problema dessa aí logo... Fazer logo o quadro da moça...

Tadinha... era tão bonitinha...

Angélica aperta João com mais força. Ele arfa excitado. Alice faz o nome do pai.

ALICE:

- Isso não vai dar certo.

JOÃO GABRIEL:

- (Grita ríspido) Sai Alice, sai!

Alice sai correndo. João Gabriel abraça Angélica. Ela suplica.

ANGÉLICA:

- Eu não quero mais...

JOÃO GABRIEL:

- Não quer mais...?

ANGÉLICA:

- Eu não aguento mais. Me ajuda.

JOÃO GABRIEL:

- Você quer uma pedra?

ANGÉLICA:

- Quero... (T) Não! Eu quero morrer. Me ajuda!

João se desvencilha dela com força. Se afasta.

ANGÉLICA:

- Dizem... os nóias... que quem entra aqui... na terceira vez não volta, some, desaparece. Mas eles não se importam... Ninguém se importa, desde que role mais uma pedra.

JOÃO GABRIEL:

- Eu vou pegar mais pra você.

João Gabriel vai saindo. Angélica corre até ele e o agarra por trás.

ANGÉLICA:

- Me ajuda... Eu tô pronta... Eu quero virar um quadro, igual àqueles que você tem lá no porão. Lindos! Viver pra sempre... Sem dor... Sem medo... Por favor... Me ajuda a acabar com isso!

João pega o braço de Angélica e estica. Tira uma pequena faca do bolso, vira no sentido oposto ao do corte e passa suavemente sobre seu pulso, como uma carícia.

Angélica geme.

Black out. Sobe a música “Dies Irae” da Missa Réquiem de Verdi.

CENA 17

Vemos, numa projeção sobre a parede, Jordão apoiado na cadeira e empunhando a faca. Treme assustado e descontrolado. Sente dor. Alice entra devagar em cena com um enorme osso na mão e observa Jordão.

ALICE:

- Ó!... Mas como tem gente esquisita nesse mundo... Pelas chagas do Cristo! Olha esse, parecia tão fino. (Grita para fora) Joãozinho, o tal crítico pegou uma faca... Cuidado, eu acho que esse sujeito é muito sistemático!

Alice sai.

CENA 18

Foco acende sobre Jordão em cena. Ele está de costas apoiado na cadeira segurando a faca sem que possamos vê-la. João Gabriel entra com o quadro onde vemos a pintura de Angélica. Coloca sobre um cavalete. Jordão continua de costas.

JOÃO GABRIEL:

- Olha!

JORDÃO:

- Chega mais perto.

JOÃO GABRIEL:

- É um quadro grande, melhor olhar de longe.

Jordão vira apenas o rosto.

JORDÃO:

- Daqui eu não consigo ver direito. Você poderia me ajudar a andar até... até ali.

JOÃO GABRIEL:

- Posso, mas você precisa me devolver esta faca de caça... Todo o porão tem câmeras.

Eu gosto de filmar tudo.

João desaba. Abaixa o braço com a faca que estava escondendo. Começa a rir de desespero.

JORDÃO:

- Já sei... Além do livro, vai fazer um filme também! Quer saber, moleque? Vai ser um sucesso. Um maluco estripando gente pra fazer quadro? É a síntese da cultura contemporânea. Vai ser estrondoso! As pessoas vão se matar pra comprar seu livro e, se tiver em DVD... Meu Deus! Você vai ficar milionário. Internado numa instituição psiquiátrica, claro, porque precisamos ser politicamente corretos... mas rico. E, olha que genial: o seu curador, vai administrar toda esta bolada. E eu aposto que o seu marchand vai ser o seu curador, certo? Pronto, descobrimos o gênio desta história... Mas não é você! Você não é um gênio. Você não é um iluminado. (Aponta o quadro) E isso aí nunca, nunca entendeu? vai ser visto como uma obra prima. Porque não é. Isto não é eterno como "A Ceia de Emaús" de Caravaggio, isto mora na mesma prateleira que os quadros feitos sobre uma base de bosta de elefante que tiveram a pachorra de expor na Royal Academy of Arts em Londres. Sabe por que existe um moleque que pinta sobre bosta de elefante? Porque as pessoas correm pro museu pra ver bosta e um museu precisa de público pra pagar as contas. Mas isto não se chama arte, isso se chama consumo e dura tanto quanto uma bolsa de marca que estas clientes fúteis do seu marchand desfilam nas suas vernissages. E o mais trágico é que ninguém mais é capaz de dizer o que é arte ou não.

Mudança de luz. João tem um surto esquizofrênico. Jordão continua falando, mas da sua boca surge outra voz que declama o Réquiem. Surgem de novo mais vozes

falando o Réquiem em uníssono. João tapa os ouvidos. Jordão se transforma numa figura maligna, tira do bolso seu gravador e aperta o "Play". Ri diabolicamente. A fala de Jordão mistura-se às vozes do Réquiem numa cacofonia.

VOZ DE JORDÃO NO GRAVADOR:

- (Risada) Desculpe o meu padrão excessivo de expectativa em relação ao mercado literário, que faz parte do meu anacronismo, afinal, tem tanto moleque que vence um reality show hoje em dia e lança uma autobiografia, mas, o senhor acha que na sua idade já teria conteúdo suficiente para um livro realmente interessante?

João Gabriel vai se encolhendo no chão assustado e oprimido pelo delírio.

Mudança de luz. Jordão volta ao normal. Faz um esforço enorme e caminha com dificuldade segurando a faca. Passa por João Gabriel e sai.

Black out.

CENA 19

Atriz que faz Alice vem ao proscênio com um recorte de jornal na mão. Lê.

ATRIZ:

- "Dois filhotes de jacaré foram apreendidos, nesta terça-feira, durante uma operação da Polícia Militar no morro da Serrinha, no Rio de Janeiro. Segundo a polícia, os animais pertencem ao traficante conhecido como "Lacoste". Na ação, também foram apreendidos armas, munições, drogas, entre outros materiais. Os animais, segundo a

Polícia Civil, eram usados por traficantes para assustar e ameaçar moradores e alimentados com rivais mortos pelos traficantes. Investigações da Polícia Civil já apontavam a criação de jacarés por traficantes em outras favelas do Rio, mas foi a primeira vez que policiais comprovaram a prática.” Notícia publicada no Portal G1 em julho de 2010.

Atriz sai de cena.

CENA 20

João Gabriel está diante do cavalete com a tela. Ele pinta furiosamente com as mãos sujas de vermelho. Angélica está caída aos seus pés. Alice entra e observa.

ALICE:

- Tadinha, esta é magrinha demais. (T) Eu podia fazer empadinha de palmito esta semana. Que que você acha Joãozinho?

Ele não responde, segue pintando em transe.

ALICE:

- Ai, não. Esta semana vem o tal crítico de arte. Melhor fazer a coxinha. É minha especialidade. (Para ele) E os bichos?

Ele não responde, segue pintando.

ALICE:

- Já sei, eu compro alguma coisa no açougue. (T) Desta vez posso arrumar ela pro jantar? (Ele não responde) Posso, né?

Pega Angélica pela perna e sai arrastando.

Ele continua pintando em transe. De repente para, olha satisfeito para a tela.

CENA 21

Alice volta com uma bacia cheia de água. João Gabriel lava as mãos. Muda de expressão, fica mais ativo a autoconfiante, até um pouco eufórico. Alice sai. Nas paredes surgem projetadas imagens de Jordão desesperado no cativado na casa de João Gabriel. Só imagem, sem som. João fala como se respondesse a vários jornalistas. Cada hora olha em uma direção.

JOÃO GABRIEL:

- O que eu mais gosto nesta videoinstalação que eu aqui fiz pra Bienal de Artes é esta falta de limite mesmo entre a arte e a vida... (Ouve pergunta de jornalista) Sim, o senhor Jordão Matos está me processando... Foi um risco que eu corri e eu acho que é um direito dele... (Ouve) Ele tá tentando tirar a obra da exposição, mas vocês sabem como a justiça é lerda nesse país... Eu acho burrice: quanto mais ele me processa, mais gente quer ver. Nunca vi uma fila tão grande pra ver uma obra minha. (Ouve) Sim, foi um pouco cruel, mas a arte é cruel, eu acho... A vida é cruel... Olha, eu só prendi ele

por dois dias na casa e filmei... o resto é delírio... Não sei, talvez efeito dos remédios que ele toma... (Ouve) Autobiografia? Não... Não sei do que ele está falando, eu sou artista plástico. Aliás, eu escrevo super mal... (Ouve) Pele humana? (Dá uma risada gostosa) Desculpa, eu não vou nem responder isso...

Tenta várias vezes controlar o riso, mas não consegue.

JOÃO GABRIEL:

- Desculpa gente... Só falta ele falar que eu também como as pessoas. (Ri) Eu sei que quase ninguém gosta dele... mas eu gosto dele, desse humor irônico dele.

Alice entra com um prato de coxinhas.

JOÃO GABRIEL:

- Finalmente Alice! Vamos dar uma pausa nesta coletiva? Vocês aceitam uma coxinha?

Sobe a música “Dies Irae” da Missa Réquiem de Verdi.

Black out.

Fim.